

Por um pensamento do sertão

Ludmila Brandão
UFMT
ludbran@gmail.com

Agradecimentos a Wilton Barroso e Sylvia Cyntrão.
Alegria de rever os amigos.

Tomo como honraria a oportunidade de estar nesta mesa, na condição de convidada, participando da comemoração dos 40 anos do PósLit. Um programa de pós-graduação com quatro décadas de existência em uma universidade que tem pouco mais de 50 anos, 53, para ser exata. E isso tudo no “sertão” centro-oestino brasileiro. Para nós, do sertão, do Cerrado, do interior do mato, como diz, lindamente, Gilberto Gil, não é pouco.

É preciso, antes de mais nada, dizer o quanto a história do PósLit, que se imbrica à história da UnB, personagem emblemático da história do Brasil contemporâneo, é uma referência e uma liderança para o pensamento deste sertão. Mais ainda no momento em que a UnB passa a ocupar a 10ª posição no ranking das melhores universidades da América Latina e nos enche de orgulho.

É nesta chave, de um “pensamento do sertão”, um pensamento do interior do mato, que gostaria de pontuar algumas ideias, na tentativa de atender ao convite que nos foi feito de uma reflexão sobre a nossa trajetória, em especial na relação com este programa de pós-graduação.

Posso dizer que, em minha carreira acadêmica, o ponto de partida, bem como o de chegada, para o qual sempre volto, foi e continua sendo o espaço. Mais do que isso, posso hoje afirmar, após 30 anos de atividade, mesmo quando tudo parecia indicar outros interesses ou focos, que sempre se tratou do espaço, melhor, de um determinado espaço: esse do sertão, do interior do mato, do Cerrado.

Começo esta breve narrativa com o fato de que somente aos 17 anos, quando cheguei ao Rio de Janeiro, dei-me conta do imbróglio em que me meteu meu pai comunista, ao escolher para mim e meu irmão nomes russos, criando uma espécie de abismo entre os signos e seus referentes. Como compreender esse nome cujo corpo que o portava era, e o é cada vez mais, atravessado pelo sertão, marcado na cabeça, nos modos e na língua geográfica que, ao menor som-movimento, dizia a terra, o mato, as gentes de cá? Foi habitando esse abismo que a primeira formação no curso de arquitetura e urbanismo se deu. O espaço como materialidade objetiva começa a tomar forma em uma UFF ousadamente pactuada com o social, ainda nos anos do terror militar.

Na formação subsequente em história, na UFMT, vieram as narrativas. Interessaram-me aquelas do espaço. Na história das cidades, os embates entre tradição e modernidade, cultura e capital, na perspectiva dos grupos sociais subalternos em consonância com a formação teórico-política do materialismo dialético dos anos 1980. A historiografia escancarou-me os olhos para o passado, especialmente o das cidades.

No mestrado, ao tomar como objeto o processo de tombamento do centro histórico de Cuiabá, a temática do patrimônio e o interesse pela cultura começa a ganhar consistência, colocando imediatamente em xeque a ortodoxia marxista que, como se sabe, relegou a cultura à condição de mero reflexo do mundo material. Manter o engajamento, dispensar o marxismo sem proceder a uma ruptura absoluta com algumas ideias marxianas só foi possível pela leitura de Gramsci. Com ele e seus propagadores, comecei a superar os impasses da ortodoxia lançando mão de sua mais importante ferramenta teórica, que é o conceito de hegemonia e que abriu, para mim, a possibilidade de compreender os processos socioeconômicos e culturais em sua forma mais complexa, ou seja, a dos embates e relações de força. Esse encontro com Gramsci virá a ser reeditado mais recentemente, após outras *démarches*. Mas, antes disso, o doutorado foi a ocasião para novas e inquietantes rupturas.

Fiz o doutorado na comunicação e semiótica da PUC de São Paulo entre 1995 e 1999. Efetivamente, cheguei ao COS pelas mãos de Jerusa Pires Ferreira, que participou de minha banca de mestrado e veio a ser minha orientadora na PUC. O trato com a antropologia no mestrado ensinou-me uma operação da maior importância para todos nós: a de estranhar o familiar. Desse exercício resultou meu projeto de doutorado, que teve início com um olhar curioso para uma casa em que vivi nos anos 1970 – a casa de meus avós – e se estendeu por outras casas familiares que decidi sondar, empreender uma escuta para, talvez, divisar nexos entre esses espaços e suas gentes. Era para ter sido uma tese em semiótica do espaço, mas não me tornei e, pior, confesso que desenvolvi certa ojeriza pelo signo e muita impaciência com o mundo da representação. Não é por acaso que, da semiótica, o que me atrai é apenas a primeiridade do signo de Peirce, por se tratar daquilo que precede o signo, antes de ser por ele possuído. A esse propósito, quero lembrar uma crítica que aprecio muitíssimo, de Zulmira Tavares, ao paroxismo do mundo da representação (no posfácio ao livro *O sistema dos objetos*, de Baudrillard). Tavares afirma *o aspecto caricato e extremo desta contínua redução do objeto a signo puro com fins sem dúvida à sistematização absoluta do campo objetual*. Posso, certamente, ser acusada de traição e não vou negar. Mas, mais importante que o título de doutora em comunicação e semiótica que a PUC, ao final, me concedeu, foi a oportunidade do encontro com o pós-estruturalismo e, em especial, com a dupla de pensadores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Outras rupturas vieram, mas essa foi, sem dúvida, a mais difícil. Quando Guattari afirma, na primeira página do primeiro capítulo de seu livro com Suely Rolnik (*Cartografias do desejo*), que o conceito de cultura é profundamente reacionário, o chão escapou-me. Fiquei órfã de pensamento, pois todo

um mundo sustentado pelos estruturalismos marxista, antropológico e freudiano perdeu consistência, ficou sob suspeita. Para meu desespero, escapou-me o que achava que viria a ser a tese. Dicotomias caras à minha formação como essência e aparência, superfície e profundidade, conceitos de cultura, identidade cultural, memória e tradição perderam a potência explicativa que antes pareciam ter. Ficaram frágeis, suspeitos, incômodos. O pior é que não havia outras palavras para tomar seus lugares. Não cabia substituí-las. Era preciso aprender a dispensá-las, torná-las desnecessárias para pensar o mundo.

Foi quando comecei a desaprender muita coisa. Um pequeno exemplo desse esforço está registrado no primeiro parágrafo de minha tese:

Curioso. Para escrever sobre estas casas foi preciso esquecer a arquitetura. Foi preciso, sobretudo inicialmente (e não sem culpas e vergonhas), desqualificar a arquitetura como ofício e seus procedimentos mais usuais, teóricos e práticos. Talvez porque, empurrada pelas coisas que achava importante pensar e dizer sobre essas casas, intuísse a necessidade de experimentar uma outra concepção construtiva, algo da ordem dessa diferenciação que Gilles Deleuze e Félix Guattari fazem entre “o plano métrico traçado sobre o papel do arquiteto fora do canteiro” e esse outro, ao qual se opõe, “plano de consistência ou de composição”, que recusa antecipações (como as da prancheta) e só faz seguir fluxos (da pedra talhada no canteiro, por exemplo). Dizem eles que, para trabalhar segundo esse último plano, “há necessidade de um trabalho não qualificado, de uma desqualificação do trabalho”¹⁹.

Era preciso deixar para trás o que entendia ser meu patrimônio intelectual, mergulhar no oceano até então por mim desconhecido das ideias pós-1968, satisfazer-me com a incerteza, conter a impaciência, domar a ansiedade e saber-me ignorante em seu sentido mais preciso. As primeiras leituras da dupla foram as mais difíceis de minha vida, ao mesmo tempo que as mais surpreendentes. Lembro que não tenho formação em filosofia e menos ainda em psicanálise. Por isso, decidi que não bastava ler e tentar captar algo de uma obra como *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenias*. Precisava sentir (mais do que entender) como operava aquela máquina de pensamento. Fui às outras obras, às primeiras de cada um dos dois e às últimas. Anotava nas leituras, as leituras que fizeram, os filmes que comentavam, os artistas citados e, assim, fui seguindo trilhas e fazendo minhas conexões. Na filosofia, Nietzsche, principalmente. A sociologia de Gabriel de Tarde, somente conhecida ali, veio a ser minha referência mais importante nos anos 2000. Outros autores poderiam ser citados, é claro. Mas reservo o espaço para destacar, na

¹⁹ *A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

literatura, o Proust da *Recherche*, responsável pelos mais importantes *insights* da minha tese. No mesmo período, descobri Melville e me encantei com a potência da recusa de Barteby. Mas, nas artes visuais e no cinema, conheci a tormenta. Sensações, percepções, desconstruções, abalos subjetivos. O corpo foi aprendendo a lidar com a ausência de chão. A transitar pelo precário, a desconfiar e recusar a cultura histórica e habitar o abismo do contemporâneo como pensou Nietzsche e reescreveu Agamben.

Nesse vai e vem entre a dupla D&G e suas pistas de leitura, audição e visualização, fui construindo para mim um modo de operar o pensamento diante de um problema. Via de regra, me pergunto: qual a resposta mais rápida? Sabendo-a, descarto-a. Não é disso que preciso. Mas de desconfiar de qualquer pensamento consensual sobre alguma coisa. Mas, que perspectiva adotar para operar uma compreensão *outra* do problema? Tomo essa operação como a que entendo ser básica para o escritor: o problema na escritura não é superar a página em branco, como costuma ser dito, mas sim o que nos diz Deleuze, apagar tudo o que já está escrito na suposta página em branco, afinal, elas estão cheias de concepções, ideias hegemônicas, lugares comuns, clichês. Ou esse escritor não precisa escrever. Ou não é um escritor.

Dessa operação nasce a inversão de perspectiva de minha tese: não me interessava mais abordar casas como produções humanas, identificar as marcas dos homens que a conceberam, construíram, habitaram, como a rigor encontramos na bibliografia sobre arquitetura. Interessou-me, no sentido inverso, auscultar espaços como coprodutores dos homens, tomando a arquitetura, em meu caso específico, os espaços domésticos, como agenciamentos de subjetividade, conforme nos diz Guattari, atuando silenciosa e sistematicamente no cruzamento com outros agenciamentos conhecidos como as dimensões cultural, econômica, a família, as instituições, as mídias etc. Coloquei-me na busca, então, dos nós relacionais entre espaço e subjetividade. Outros dois autores franceses foram cruciais aqui: Proust (de quem já falei) e Zola, que me inspirou a tratar os espaços como personagens, as coisas como sujeitos e aquilo que era da ordem da descrição como passível de ser narrado. Foi na leitura desses autores, principalmente, e nas muitas tentativas infrutíferas de escrever academicamente o que pretendia demonstrar, que entendi que isso só seria possível se lançasse mão do que “cautelosamente” chamei de “artifício literário” como modo de escritura do espaço, visando a conseguir, em um trabalho dito científico, aquilo que a boa literatura faz ordinariamente: constrói espaços, ambientes, atmosferas com palavras, pontuações, cadência de sonoridades ouvidas no cérebro, frases e parágrafos. Assim, escrevi e defendi a tese que recebeu o nome: *A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos*.

Hoje eu posso dizer que minha tese está mais para literatura comparada que para qualquer outra área de conhecimento. À parte a perspectiva teórica da filosofia de Deleuze e Guattari que sustentam o trabalho, a sua realização efetiva se deu no trato com a literatura.

E foi no retorno do doutorado à UFMT, com colegas de letras, que aprofundei meus vínculos, então mais diretamente, com os estudos culturais, que derivam, em grande parte, da literatura comparada. Em 2003, a CAPES aprovou nosso projeto do programa de pós-graduação em estudos de linguagem com uma linha de pesquisa em estudos literários e culturais, onde atuei até 2008. A saída do Meel, como o chamávamos, foi uma espécie de *spin off* da Linha, para criar um programa interdisciplinar específico de estudos de cultura (não se restringindo aos estudos culturais), que é o ECCO, programa de pós-graduação em estudos de cultura contemporânea, minha casa acadêmica, enfim.

Devo ao Meel a oportunidade do encontro com alguns colegas do Pós-lit, em especial com Rogério Lima, a quem conheci na ANPOLL de 2004, em Maceió. Desde então, ficamos em contato e, tão logo o ECCO começou a funcionar, iniciamos estreitas tratativas para trabalhos conjuntos. Submetemos um projeto ao Edital Pró-cultura (aliás, o último que tive notícia) que, apesar de não ter sido aprovado por falhas minhas de entendimento do cronograma, foi o início da concepção e criação da Rede Centro Oeste de Ensino e Pesquisa em Arte, Cultura e Tecnologias Contemporâneas, que hoje reúne pesquisadores da UnB, da UFMT, da UFG, UFGD, UFMS e UFU. Falar da Rede CO3 tomaria todo o tempo que me resta e muito mais. Deixo para ocasiões futuras. Mas é importante registrar o efeito que teve sobre as avaliações de nossos programas a criação da rede. Todos tivemos a melhoria do conceito e os que ainda não tinham passaram a ter curso de doutorado, como é o caso do ECCO.

Por isso, retomo essa narrativa das deambulações teóricas para chegar aos meus estudos e preocupações atuais.

Durante o ano que passei no Canadá (2004-2005), na Universidade de Ottawa, na cátedra de pesquisa em estudos literários e culturais, tomei conhecimento dos estudos subalternos, espécie de ramo dos estudos pós-coloniais, especificamente de autores como Arjun Appadurai, Gayatri Spivak, Igor Kopytoff, entre outros. Ao mesmo tempo, uma leitura feita há alguns anos retornou com força: *Histórias locais, projetos globais*, do argentino Walter Dignolo. No pós-doutoramento, comecei a combinar reflexões sobre a globalização contemporânea e a condição de subalternidade do pensamento produzido ao sul do Equador, podemos dizer sem sombra de dúvida, o “sertão do mundo”. De Dignolo, fui a Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Boaventura de Souza Santos, Ramón Grosfoguel, entre outros que,

hoje, são conhecidos por constituírem uma rede de investigação chamada Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade, na qual me considero inserida, ainda que timidamente.

Mais do que uma ou duas ou três teses sobre a geopolítica do mundo contemporâneo e suas expressões na colonialidade do poder, do ser, do saber, da arte etc., o que esses pensadores trazem é a perspectiva da encarnação do pensamento. O pensamento é sempre produzido desde um lugar, desde um corpo, desde uma história, desde uma ferida. A nossa, ou a do sul do planeta, é a ferida colonial. Daí as epistemologias do sul de Boaventura. Não se trata, evidentemente, de recusar todo o pensamento produzido desde o norte, mas de submetê-lo (nietzscheanamente) à tortura, sondar seus “*a priori*”, os pontos de partida implícitos, os julgamentos e a arbitrariedade de seus critérios éticos, estéticos, geopolíticos. E, a partir dessa compreensão, podemos, sim, jogar fora a água da bacia e experimentar produzir pensamentos que correspondam à nossa experiência, tomando o sertão como o chão esburacado e ressecado por forças hegemônicas, mas que, de algum modo, guarda as singularidades que somente a nós cabe e interessa explorar. O pensamento do sertão é um pensamento liminar de que fala Mignolo, é uma epistemologia encarnada, pode e deve vir a ser um sentipensamento²⁰, marcado pelo passado colonial não como estigma ou karma, mas como experiência que nos distingue e afasta da experiência de nossos antigos senhores e de quaisquer outros que ousem ocupar esse lugar. E aí vale dizer que é preciso que nós, do interior do mato, estejamos atentos sempre, porque há um Brasil do norte político (não geográfico) que insiste em reproduzir as mesmas velhas e mal-intencionadas relações de colonialidade. É contra isso que me movo nos dias de hoje.

Obrigada.

²⁰ Sentipensar, termo criado por S. de la Torre, que propõe fundir pensamento e sentimento num mesmo ato de conhecimento.